



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

EÇA DE QUEIRÓS

O MANDARIM



JOSÉ MARIA DE EÇA DE QUEIRÓS nasceu na Póvoa de Varzim em 1845. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, muda-se para Lisboa em 1866, onde exerce advocacia e colabora, como jornalista, em vários periódicos. O seu forte interesse pela literatura e o modo crítico como encarava o país e as suas instituições levam-no a aproximar-se de um movimento de ativos intelectuais de Coimbra comprometidos com a urgente reforma social e artística do país. Ficariam para a História como a Geração de 70, responsável pela introdução do Realismo na cena artística e literária portuguesa. Em 1871, participa nas famosas Conferências do Casino Lisbonense com uma comunicação intitulada «O Realismo como nova expressão da Arte», aproximando-se assim da estética realista-naturalista, que viria a marcar indelevelmente o estilo e a temática das suas obras. Em 1873, ingressa na carreira diplomática, que o levará, primeiro, a Cuba, e, mais tarde, a Inglaterra e França, com o cargo de cônsul de Portugal. Embora tivesse já publicado *O Mistério da Estrada de Sintra*, em conjunto com o seu amigo Ramalho Ortigão, nas páginas do *Diário de Notícias*, foi fora do país, distante e sempre crítico, que produziu os seus maiores e mais famosos romances. *O Primo Basílio* (1878), *O Crime do Padre Amaro* (1880) e *Os Maias* (1888), obras incontornáveis da literatura mundial, são apenas alguns exemplos da famosa prosa queirosiana, irónica, contundente, vibrante, legado daquele que é considerado um dos maiores escritores portugueses de sempre. Eça de Queirós morreu, em 1900, em Paris.

BEATRIZ BERRINI licenciou-se em Letras Clássicas e em Filosofia na Universidade Católica de S. Paulo, Brasil. Em 1982 doutorou-se em Letras também pela Universidade de S. Paulo, onde foi professora de Literatura Portuguesa e Brasileira e de Teoria Literária. Especialista na obra de Eça de Queirós, foi autora de livros como *Portugal de Eça de Queiroz* (1984), *Eça e Pessoa* (1985), *O Mundo de Eça de Queiroz* (1985),

Cartas Inéditas de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, *Batalha Reis e Outros* (1987), *Eça de Queiroz: Palavra e Imagem* (1989) e *A Arte de Ser Pai (Cartas de Eça de Queiroz para os Filhos)* (1992). Escreveu ainda outros livros e ensaios dedicados a autores de Literatura Portuguesa e Brasileira, como Camilo Castelo Branco e José Saramago. Morreu em setembro de 2015.

CARLOS REIS é professor catedrático emérito da Universidade de Coimbra, sendo especialista em Estudos Narrativos e em Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX, sobretudo no domínio dos Estudos Queirosianos. Autor de mais de trinta livros (último em data de publicação: *Diálogos com Lídia Jorge*, 2025), ensinou em universidades da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. Dirige a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós e coordenou a *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Foi diretor da Biblioteca Nacional, reitor da Universidade Aberta e presidente da Associação Internacional de Lusitanistas e da European Association of Distance Teaching Universities. Foi distinguido com os prémios Jacinto do Prado Coelho (1996), Eduardo Lourenço (2019) e Vergílio Ferreira (2020).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

O Mandarim ou a busca de uma «Moralidade discreta»	vii
--	-----

O Mandarim	1
------------	---

PRÓLOGO	3
---------	---

I	5
---	---

II	21
----	----

III	31
-----	----

IV	47
----	----

V	69
---	----

VI	77
----	----

VII	87
-----	----

VIII	103
------	-----

A propósito do <i>Mandarim</i> . Carta que devia ter sido um prefácio	107
---	-----

INTRODUÇÃO

O Mandarin ou a busca de uma «Moralidade discreta»

1. A novela *O Mandarin*, as circunstâncias da sua escrita e a sua publicação estão relacionadas, de forma indireta, com a composição d'*Os Maias*. Parece isto estranho, tão flagrantes são as diferenças entre ambos: o segundo é, reconhecidamente, a obra-prima de Eça de Queirós, uma história de amor trágico em contexto histórico (a redundância é deliberada), envolvendo o destino de uma família e de uma sociedade em decadência; por sua vez, *O Mandarin* aparenta ser um *divertissement* ligeiro, com contornos fantásticos e para leitura rápida, sem deixar grandes marcas na memória do leitor. Veremos que pode não ser bem assim.

Para devidamente entendermos a razão ou as razões da génese deste relato de Eça, convém darmos atenção a duas cartas suas de feição e propósito diferentes.

Falarei, desde já, da primeira, datada de 20 de fevereiro de 1881 e endereçada ao confidente literário de sempre, Ramalho Ortigão; nela, conta-se que, na sequência de um pedido do diretor do *Diário de Portugal*, o escritor encetara aquilo que viria a ser o romance *Os Maias*, para inserção em folhetins naquele jornal. Só que, ao perceber que estava perante «um assunto rico em caracteres e incidentes, e que necessitava um desenvolvimento mais largo de *romance*», Eça suspende a escrita; de seguida e conforme explica ao amigo, «para fazer pacientar os leitores do jornal, *presenteei* o *Diário* com uma novela: o *Mandarim* (grátis!!!)» (cito da *Correspondência* editada por A. Campos Matos, em 2008).

Deste modo, foi por força de uma (digamos) emergência que surgiu a narrativa que agora se publica, porventura escrita com celeridade. Ou melhor: aquela que aqui se lerá é a que Eça de Queirós reescreveu, uma vez que, logo depois dos 11 folhetins insertos naquele jornal, de 7 a 18 de julho de 1880, *O Mandarim* viu a luz do dia em livro — e com significativas alterações.

Este era um procedimento usual na época, revelando duas coisas interligadas: primeira, o facto de, na primeira redação, o escritor ter agido quase por impulso, o que nele terá determinado algum sentimento de insatisfação; segunda, o sentido de inconformada exigência estética que o impelia a refundir o seu texto. Nada de novo. Logo

na sua estreia de romancista, com *O Crime do Padre Amaro*, Eça passou de uma primeira versão destinada à imprensa (concretamente, à *Revista Ocidental*, em 1875) a uma segunda versão, datada de 1876, já em livro, e depois a uma terceira versão, de 1880. No seu trajeto literário, como se percebe com *O Mandarim*, não foi este um caso único de sucessivas superações de momentos criativos e de abandono de etapas escriturais preliminares.

Aquilo que agora se faculta aos leitores de Eça é, então, diferente do que foi dado a ler no *Diário de Portugal*. Mais: uma reedição de 1889 mostra ligeiras correções, quando confrontada com o primeiro *O Mandarim*, em formato de livro. Foi essa reedição que serviu de base a Beatriz Berrini, quando, no volume que preparou para a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, fixou o texto desta novela, assim estabelecendo a referência para a presente edição.

2. A segunda das duas cartas a que aludi é singular. Eça escreveu-a (em francês), tendo a noção de que a invulgar história de Teodoro poderia causar espanto, se comparada com obras anteriores da sua lavra. E tinha razão. Com efeito, tanto *O Crime do Padre Amaro* como *O Primo Basílio* são romances de costumes, cujas personagens e respetivos comportamentos trazem consigo questões de atualidade, na sociedade portuguesa de então: a educação, o sentimentalismo romântico, o poder clerical,

a devoção religiosa, o adultério e, em geral, a decadente vida social que motivara a Geração de 70 (e Eça com ela) a uma militância reformista que não teve grandes efeitos práticos.

A tal segunda carta é dirigida a «Monsieur le Rédacteur de *La Revue Universelle*», tem data de 2 de agosto de 1884 e deveria ter antecedido a tradução francesa da novela naquela publicação. Contudo, só depois de iniciada a serialização (que, aliás, se desenrolou de forma deficiente) ela apareceu nas páginas da revista. Mais tarde, a partir da reedição de 1907, a dita carta-prefácio acompanhou, por várias vezes, este título queirosiano, como é o caso da presente edição.

Em princípio, nesse texto que seria uma apresentação da literatura que se fazia em Portugal, Eça dirigia-se ao público francês e não tanto ao português. Todavia, ele tem um alcance que vai além do destinatário estrangeiro. O que nos diz o escritor? Várias coisas: que *O Mandarim* é «um conto fantasista e fantástico»; que nele se destaca um diabo com vestimenta de burguês, envergando sobrecasaca; que a ação relatada provém do sonho e da invenção, não da realidade observada; que nessa ação está patente, em sintonia com o temperamento dos portugueses, uma inclinação idealista e lírica; e que, por isso mesmo, *O Mandarim* é um testemunho literário de afastamento relativamente a «tudo o que é realidade, análise, experimentação, certeza objetiva».

Em resumo: a história em causa representava uma pausa (ou até mais do que isso) no processo de receção do naturalismo que, afinal, não era outra coisa senão uma importação francesa. Muito disto pode ser sintetizado nas palavras quase finais (e que traduzo) deste ensaio epistolar com grande significado doutrinário, no conjunto da produção do autor:

Pois bem (...), neste meio real, contemporâneo, banal, o artista português habituado às belas cavalgadas através do ideal, sufocava; e se não pudesse, de vez em quando, fazer uma escapada para o azul, morreria bem depressa, com nostalgia da quimera. Eis a razão pela qual, mesmo depois do naturalismo, escrevemos ainda verdadeiros contos fantásticos, daqueles em que há fantasmas e onde se encontra ao canto das páginas o diabo, o amigo diabo, esse delicioso terror da nossa infância católica.

Ainda que isso pouco importe agora, registo uma discrepância: Eça fala em conto, quando, anteriormente, na carta a Ramalho Ortigão, o termo usado era novela, em meu entender mais adequado. Não enveredo por esse debate, porque julgo ser mais pertinente atentar na composição, nas dominantes e nos incidentes que configuram o mundo narrativo d'O *Mandarim*.

O Mandarin

PRÓLOGO

1.º AMIGO

*(bebendo cognac e soda, debaixo de árvores,
num terraço, à beira-d'água)*

Camarada, por estes calores do Estio, que embotam a ponta da sagacidade, repousemos do áspero estudo da Realidade humana... Partamos para os campos do Sonho, vaguear por essas azuladas colinas românticas onde se ergue a torre abandonada do Sobrenatural, e musgos frescos recobrem as ruínas do Idealismo... Façamos fantasia!...

2.º AMIGO

Mas sobriamente, camarada, parcamente!... E como nas sábias e amáveis Alegorias da Renascença, misturando-lhe sempre uma Moralidade discreta...

(COMÉDIA INÉDITA)

I

Eu chamo-me Teodoro — e fui amanuense do Ministério do Reino.

Nesse tempo vivia eu à Travessa da Conceição n.º 106, na casa de hóspedes da D. Augusta, a esplêndida D. Augusta, viúva do major Marques. Tinha dois companheiros: o Cabrita, empregado na Administração do bairro central, esguio e amarelo como uma tocha de enterro; e o possante, o exuberante tenente Couceiro, grande tocador de viola francesa.

A minha existência era bem equilibrada e suave. Toda a semana, de mangas de lustrina à carteira da minha repartição, ia lançando, numa formosa letra cursiva, sobre o papel Tojal do Estado, estas frases fáceis: «*Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a ... Tenho a honra de passar às mãos de V. Ex.^a, Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. ...*»

Aos domingos repousava: instalava-me então no canapé da sala de jantar, de cachimbo nos dentes, e admirava a D. Augusta, que, em dias de missa, costumava

limpar com clara de ovo a caspa do tenente Couceiro. Esta hora, sobretudo no verão, era deliciosa: pelas janelas meio cerradas penetrava o bafo da soalheira, algum repique distante dos sinos da Conceição Nova e o arru-lhar das rolas na varanda; a monótona sussurração das moscas balançava-se sobre a velha cambraia, antigo véu nupcial da Madame Marques, que cobria agora no aparador os pratos de cerejas bicaís; pouco a pouco o tenente, envolvido num lençol como um ídolo no seu manto, ia adormecendo, sob a fricção mole das carinhosas mãos da D. Augusta; e ela, arrebitando o dedo mínimo branquinho e papudo, sulcava-lhe as repas lustrosas com o pentezinho dos bichos... Eu então, enternecido, dizia à deleitosa senhora:

— Ai D. Augusta, que anjo que é!

Ela ria; chamava-me *enguço*! Eu sorria, sem me escandalizar. *Enguço* era com efeito o nome que me davam na casa — por eu ser magro, entrar sempre as portas com o pé direito, tremer de ratos, ter à cabeceira da cama uma litografia de Nossa Senhora das Dores que pertencera à mamã, e corcovar. Infelizmente corcovo — do muito que verguei o espinhaço, na Universidade, recuando como uma pega assustada diante dos senhores Lentes; na repartição, dobrando a fronte ao pó perante os meus Diretores-Gerais. Esta atitude de resto convém ao bacharel; ela mantém a disciplina num Estado bem organizado;

e a mim garantia-me a tranquilidade dos domingos, o uso de alguma roupa branca, e vinte mil-réis mensais.

Não posso negar, porém, que nesse tempo eu era ambicioso — como o reconheciam sagazmente a Madame Marques e o lépido Couceiro. Não que me revolvesse o peito o apetite heroico de dirigir, do alto de um trono, vastos rebanhos humanos; não que a minha louca alma jamais aspirasse a rodar pela Baixa em trem da Companhia, seguida de um correio choutando; — mas pungia-me o desejo de poder jantar no Hotel Central com *champagne*, apertar a mão mimosa de viscondessas, e, pelo menos duas vezes por semana, adormecer, num êxtase mudo, sobre o seio fresco de Vénus. Oh! moços que vos dirigíeis vivamente a S. Carlos, atabafados em paletots caros onde alvejava a gravata de *soirée*! Oh! tipoias, api-nhadas de andaluzas, batendo galhardamente para os touros — quantas vezes me fizestes suspirar! Porque a certeza de que os meus vinte mil-réis por mês e o meu jeito encolhido de enguiço me excluía para sempre dessas alegrias sociais vinha-me então ferir o peito — como uma frecha que se crava num tronco, e fica muito tempo vibrando!

Ainda assim, eu não me considerava sombriamente um «pária». A vida humilde tem doçuras: é grato, numa manhã de sol alegre, com o guardanapo ao pescoço, diante do bife de grelha, desdobrar o DIÁRIO DE NOTÍCIAS;

pelas tardes de verão, nos bancos gratuitos do Passeio, gozam-se suavidades de idílio; é saboroso à noite no Martinho, sorvendo aos goles um café, ouvir os verbosos injuriar a pátria... Depois, nunca fui excessivamente infeliz — porque não tenho imaginação: não me consumia, rondando e almejando em torno de paraísos fictícios, nascidos da minha própria alma desejosa como nuvens da evaporação de um lago; não suspirava, olhando as lúcidas estrelas, por um amor à Romeu, ou por uma glória social à Camors. Sou um positivo. Só aspirava ao racional, ao tangível, ao que já fora alcançado por outros no meu bairro, ao que é acessível ao bacharel. E ia-me resignando, como quem a uma *table d'hôte* mastiga a bucha de pão seco à espera que lhe chegue o prato rico da *Charlotte russe*. As felicidades haviam de vir: e para as apressar eu fazia tudo o que devia como português e como constitucional: — pedi-as todas as noites a Nossa Senhora das Dores, e comprava décimos da loteria.

No entanto procurava distrair-me. E como as circunvoluções do meu cérebro me não habilitavam a compor odes, à maneira de tantos outros ao meu lado que se desforravam assim do tédio da profissão; como o meu ordenado, paga a casa e o tabaco, me não permitia um vício — tinha tomado o hábito discreto de comprar na feira da Ladra antigos volumes desirmanados, e à noite, no meu quarto, repastava-me dessas leituras curiosas.

Eram sempre obras de títulos ponderosos: GALERA DA INOCÊNCIA, ESPELHO MILAGROSO, TRISTEZA DOS MAL-DESERDADOS... O tipo venerando, o papel amarelado com picadas de traça, a grave encadernação freirática, a fitinha verde marcando a página — encantavam-me! Depois, aqueles dizeres ingênuos em letra gorda davam uma pacificação a todo o meu ser, sensação comparável à paz penetrante de uma velha cerca de mosteiro, na quebrada de um vale, por um fim suave de tarde, ouvindo o correr da água triste...

Uma noite, há anos, eu começara a ler, num desses in-fólios vetustos, um capítulo intitulado *Brecha das Almas*; e ia caindo numa sonolência grata, quando este período singular se me destacou do tom neutro e apagado da página, com o relevo de uma medalha de ouro nova brilhando sobre um tapete escuro: copio textualmente:

«No fundo da China existe um Mandarim mais rico que todos os reis de que a Fábula ou a História contam. Dele nada conheces, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdes os seus cabedais infindáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro

do que pode sonhar a ambição de um avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?»

Estaquei, assombrado, diante da página aberta: aquela interrogação «homem mortal, tocarás tu a campainha?» parecia-me faceta, picaresca, e todavia perturbava-me prodigiosamente. Quis ler mais; mas as linhas fugiam, ondeando como cobras assustadas, e no vazio que deixavam, de uma lividez de pergaminho, lá ficava, rebrilhando em negro, a interpelação estranha — «tocarás tu a campainha?»

Se o volume fosse de uma honesta edição Michel-Levy, de capa amarela, eu, que por fim não me achava perdido numa floresta de balada alemã, e podia da minha sacada ver branquejar à luz do gás o correame da patrulha — teria simplesmente fechado o livro, e estava dissipada a alucinação nervosa. Mas aquele sombrio in-fólio parecia exalar magia; cada letra afetava a inquietadora configuração desses sinais da velha cabala, que encerram um atributo fatídico; as vírgulas tinham o retorcido petulante de rabos de diabinhos, entrevistos numa alvura de luar; no *ponto de interrogação* final eu via o pavoroso gancho com que o Tentador vai fisingando as almas que adormeceram sem se refugiar na inviolável cidadela da Oração!... Uma influência sobrenatural apoderando-se

de mim, arrebatava-me devagar para fora da realidade, do raciocínio: e no meu espírito foram-se formando duas visões — de um lado um Mandarim decrépito, morrendo sem dor, longe, num quiosque chinês, a um *ti-li-tim* de campainha; do outro toda uma montanha de ouro cintilando aos meus pés! Isto era tão nítido, que eu via os olhos oblíquos do velho personagem embaciarem-se, como cobertos de uma ténue camada de pó; e sentia o fino tinir de libras rolando juntas. E imóvel, arrepiado, cravava os olhos ardentes na campainha, pousada pacatamente diante de mim sobre um dicionário francês — a campainha prevista, citada no mirífico in-fólio...

Foi então que, do outro lado da mesa, uma voz insinuante e metálica me disse, no silêncio:

— Vamos, Teodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um forte!

O *abat-jour* verde da vela punha uma penumbra em redor. Ergui-o, a tremer. E vi, muito pacificamente sentado, um indivíduo corpulento, todo vestido de preto, de chapéu alto, com as duas mãos calçadas de luvas negras gravemente apoiadas ao cabo de um guarda-chuva. Não tinha nada de fantástico. Parecia tão contemporâneo, tão regular, tão classe média como se viesse da minha repartição...

Toda a sua originalidade estava no rosto, sem barba, de linhas fortes e duras; o nariz brusco, de um aquilino

formidável, apresentava a expressão rapace e atacante de um bico de águia; o corte dos lábios, muito firme, fazia-lhe como uma boca de bronze; os olhos, ao fixar-se, assemelhavam dois clarões de tiro, partindo subitamente de entre as sarças tenebrosas das sobrancelhas unidas; era lívido — mas, aqui e além na pele, corriam-lhe raiações sanguíneas como num velho mármore fenício.

Veio-me à ideia de repente que tinha diante de mim o Diabo: mas logo todo o meu raciocínio se insurgiu resolutamente contra esta imaginação. Eu nunca acreditei no Diabo — como nunca acreditei em Deus. Jamais o disse alto, ou o escrevi nas gazetas, para não descontentar os poderes públicos, encarregados de manter o respeito por tais entidades: mas que existam estes dois personagens, velhos como a Substância, rivais bonacheirões, fazendo-se mutuamente pirraças amáveis, — um de barbas nevadas e túnica azul, na toilette do antigo Jove, habitando os altos luminosos, entre uma corte mais complicada que a de Luís XIV; e o outro enfarruscado e manhoso, ornado de cornos, vivendo nas chamas inferiores, numa imitação burguesa do pitoresco Plutão — não acredito. Não, não acredito! Céu e Inferno são concepções sociais para uso da plebe — e eu pertencço à classe média. Rezo, é verdade, a Nossa Senhora das Dores: porque, assim como pedi o favor do senhor doutor para passar no meu ato; assim como, para obter os meus vinte mil-réis, implorei

a benevolência do senhor deputado; igualmente para me subtrair à tísica, à angina, à navalha de ponta, à febre que vem da sarjeta, à casca de laranja escorregadia onde se quebra a perna, a outros males públicos, necessito ter uma proteção extra-humana. Ou pelo rapapé ou pelo incensador o homem prudente deve ir fazendo assim uma série de sábias adulações desde a Arcada até ao Paraíso. Com um compadre no bairro, e uma comadre mística nas Alturas — o destino do bacharel está seguro.

Por isso, livre de torpes superstições, disse familiarmente ao indivíduo vestido de negro:

— Então, realmente, aconselha-me que toque a campainha?

Ele ergueu um pouco o chapéu, descobrindo a fronte estreita, enfeitada de um gaforinha crespa e negrejante como a do fabuloso Alcides, e respondeu, palavra a palavra:

— Aqui está o seu caso, estimável Teodoro. Vinte mil-réis mensais são uma vergonha social! Por outro lado, há sobre este globo coisas prodigiosas: há vinhos de Borgonha, como por exemplo o *Romanée-Conti* de 58 e o *Chambertin* de 61, que custam, cada garrafa, de dez a onze mil-réis; e quem bebe o primeiro cálice, não hesitará, para beber o segundo, em assassinar seu pai... Fabricam-se em Paris e em Londres carruagens de tão suaves molas, de tão mimosos estofos, que é preferível

percorrer nelas o Campo Grande, a viajar, como os antigos deuses, pelos céus, sobre os fofos coxins das nuvens... Não farei à sua instrução a ofensa de o informar que se mobilam hoje casas, de um estilo e de um conforto, que são elas que realizam superiormente esse regalo fictício, chamado outrora a «Bem-aventurança». Não lhe falarei, Teodoro, de outros gozos terrestres: como, por exemplo, o Teatro do *Palais Royal*, o *baile Laborde*, o *Café Anglais*... Só chamarei a sua atenção para este facto: existem seres que se chamam Mulheres — diferentes daqueles que conhece, e que se denominam Fêmeas. Estes seres, Teodoro, no meu tempo, a páginas 3 da Bíblia, apenas usavam exteriormente uma *folha de vinha*. Hoje, Teodoro, é toda uma sinfonia, todo um engenhoso e delicado poema de rendas, *baptistes*, cetins, flores, joias, caxemiras, gazes e veludos... Compreende a satisfação inenarrável que haverá, para os cinco dedos de um cristão, em percorrer, palpar estas maravilhas macias; — mas também percebe que não é com o troco de uma placa honesta de cinco tostões que se pagam as contas destes querubins... Mas elas possuem melhor, Teodoro: são os cabelos cor do ouro ou cor da treva, tendo assim nas suas tranças a aparência emblemática das duas grandes tentações humanas — a fome do metal precioso e o conhecimento do absoluto transcendente. E ainda têm mais: são os braços cor de mármore, de uma frescura de lírio

orvalhado; são os seios, sobre os quais o grande Praxíteles modelou a sua Taça, que é a linha mais pura e mais ideal da Antiguidade... Os seios, outrora (na ideia desse ingénuo Ancião que os formou, que fabricou o mundo, e de quem uma inimizade secular me veda de pronunciar o nome), eram destinados à nutrição augusta da humanidade; sossegue porém, Teodoro; hoje nenhuma mamã racional os expõe a essa função deterioradora e severa; servem só para resplandecer, aninhados em rendas, ao gás das *soirées*, — e para outros usos secretos. As conveniências impedem-me de prosseguir nesta exposição radiosa das belezas, que constituem o *Fatal Feminino*... De resto as suas pupilas já rebrilham... Ora todas estas coisas, Teodoro, estão para além, infinitamente para além dos seus vinte mil-réis por mês... Confesse, ao menos, que estas palavras têm o venerável selo da verdade!...

Eu murmurei com as faces abrasadas:

— Têm.

E a sua voz prosseguiu, paciente e suave:

— Que me diz a cento e cinco, ou cento e seis mil contos? Bem sei, é uma bagatela... Mas enfim, constituem um começo; são uma ligeira habilitação para conquistar a felicidade. Agora pondere estes factos: o Mandarim, esse Mandarim do fundo da China, está decrépito e está gotoso: como homem, como funcionário do celeste império, é mais inútil em Pequim e na humanidade, que um seixo

na boca de um cão esfomeado. Mas a transformação da substância existe: garanto-lha eu, que sei o segredo das coisas... Porque a terra é assim: recolhe aqui um homem apodrecido, e restitui-o além ao conjunto das formas como vegetal viçoso. Bem pode ser que ele, inútil como Mandarim no Império do Meio, vá ser útil noutra terra como rosa perfumada ou saboroso repolho. Matar, meu filho, é quase sempre equilibrar as necessidades universais. É eliminar aqui a excrescência para ir além suprir a falta. Penetre-se destas sólidas filosofias. Uma pobre costureira de Londres anseia por ver florir, na sua trapeira, um vaso cheio de terra negra: uma flor consolaria aquela deserdada; mas na disposição dos seres, infelizmente, nesse momento, a substância que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem de Estado... Vem então o fadista de navalha aberta, e fende o estadista; o enxurro leva-lhe os intestinos; enterram-no, com tipoias atrás; a matéria começa a desorganizar-se, mistura-se à vasta evolução dos átomos — e o supérfluo homem de governo vai alegrar, sob a forma de amor-perfeito, a água-furtada da loira costureira. O assassino é um filantropo! Deixe-me resumir, Teodoro: a morte desse velho Mandarim idiota traz-lhe à algibeira alguns milhares de contos. Pode desde esse momento dar pontapés nos poderes públicos: medite na intensidade deste gozo! É desde logo citado nos jornais: reveja-se nesse máximo da glória humana! E agora note:

é só agarrar a campainha, e fazer *ti-li-tim*. Eu não sou um bárbaro: compreendo a repugnância de um *gentleman* em assassinar um contemporâneo: o espirrar do sangue suja vergonhosamente os punhos, e é repulsivo o agonizar de um corpo humano. Mas aqui, nenhum desses espetáculos torpes... É como quem chama um criado... E são cento e cinco ou cento e seis mil contos; não me lembro, mas tenho-o nos meus apontamentos... O Teodoro não duvida de mim. Sou um cavalheiro: — provei-o, quando, fazendo a guerra a um tirano na primeira insurreição da justiça, me vi precipitado de alturas que nem Vossa Senhoria concebe... Um trambolhão considerável, meu caro senhor! Grandes desgostos! O que me consola é que o OUTRO está também muito abalado: porque, meu amigo, quando um Jeová tem apenas contra si um Satanás, tira-se bem de dificuldades mandando carregar mais uma legião de arcanjos; mas quando o inimigo é um homem, armado de uma pena de pato e de um caderno de papel branco — está perdido... Enfim são cento e seis mil contos. Vamos, Teodoro, aí tem a campainha, seja um homem.

Eu sei o que deve a si mesmo um cristão. Se este personagem me tivesse levado ao cume de uma montanha na Palestina, por uma noite de lua cheia, e aí, mostrando-me cidades, raças e impérios adormecidos, sombriamente me dissesse: — «Mata o Mandarim, e tudo o que vês

em vale e colina será teu», — eu saberia replicar-lhe, seguindo um exemplo ilustre, e erguendo o dedo às profundidades consteladas: — «O meu reino não é deste mundo!» Eu conheço os meus autores. Mas eram cento e tantos mil contos, oferecidos à luz de uma vela de estearina, na Travessa da Conceição, por um sujeito de chapéu alto, apoiado a um guarda-chuva...

Então não hesitei. E, de mão firme, repeniquei a campanha. Foi talvez uma ilusão; mas pareceu-me que um sino, de boca tão vasta como o mesmo céu, badalava na escuridão, através do Universo, num tom temeroso que decerto foi acordar sóis que faziam né-né e planetas pancudos ressonando sobre os seus eixos...

O indivíduo levou um dedo à pálpebra, e limpando a lágrima que enevoara um instante o seu olho rutilante:

— Pobre Ti-Chin-Fú!...

— Morreu?

— Estava no seu jardim, sossegado, armando, para o lançar ao ar, um papagaio de papel, no passatempo honesto de um Mandarin retirado, — quando o surpreendeu este *ti-li-tim* da campanha. Agora jaz à beira de um arroio cantante, todo vestido de seda amarela, morto, de pança ao ar, sobre a relva verde; e nos braços frios tem o seu papagaio de papel, que parece tão morto como ele. Amanhã são os funerais. Que a sabedoria de Confúcio, penetrando-o, ajude a bem emigrar a sua alma!

E o sujeito, erguendo-se, tirou respeitosamente o chapéu, saiu, com o seu guarda-chuva debaixo do braço.

Então, ao sentir bater a porta, afigurou-se-me que emergia de um pesadelo. Saltei ao corredor. Uma voz jovial falava com a Madame Marques; e a cancela da escada cerrou-se subtilmente.

— Quem é que saiu agora, ó D. Augusta? — perguntei, num suor.

— Foi o Cabritinha que vai um bocadinho à batota...

Voltei ao quarto: tudo lá repousava tranquilo, idêntico, real. O in-fólio ainda estava aberto na página temerosa. Reli-a: agora parecia-me apenas a prosa antiquada de um moralista caturra: cada palavra se tornara como um carvão apagado...

Deitei-me: — e sonhei que estava longe, para além de Pequim, nas fronteiras da Tartária, no quiosque de um convento de Lamas, ouvindo máximas prudentes e suaves que escorriam, com um aroma fino de chá, dos lábios de um Buda vivo.

«As felicidades haviam de vir: e para as apressar eu fazia tudo o que devia como português e como constitucional: — pedi-as todas as noites a Nossa Senhora das Dores, e comprava décimos da loteria.»

Uma campanha tinida em Lisboa transforma, por obra do Diabo, um mandarim morto na China num funcionário régio rico em Lisboa. Se a avareza é um pecado fácil de autojustificar, o mesmo não acontece com o homicídio: atormentado pelas consequências da sua ganância, Teodoro, o novo rico sem hífen, mergulha num profundo dilema existencial que tentará sanar por todos os meios.

Nesta novela alegórica sobre a fragilidade da moral e da ética, Eça de Queirós explora o cenário hipotético que oferece a um homem a possibilidade de cometer um crime sem ser descoberto.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Edição de Beatriz Berrini
Introdução de Carlos Reis



© Mandarin anamita, parte do exército de campanha no reino de Hoang Nham (conhecido por Tú-Duc), imperador de Aname entre 1848 e 1883.

© Tallandier / Bridgeman Images / Fotobanco.pt



penguinlivros.pt



[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-589-609-7



9

789895 896097